

Resumindo os argumentos citados, o poder dos fazendeiros de café no processo decisório político do país é reconhecido, e sua reação pacífica à abolição é vista como consequência não só da não-lucratividade da escravidão, mas também da quebra de coesão dos fazendeiros como classe, já que aqueles com motivação capitalista (São Paulo) estavam gradualmente superando em número e poder os do Rio de Janeiro, possuidores de uma mentalidade pré-capitalista. Uma vez que a alternativa preferida pelos fazendeiros do centro e oeste de São Paulo — a imigração de colonos europeus — seria viável somente com o fim da escravidão, pois de acordo com essa interpretação o trabalho livre é repellido pelo trabalho escravo, o grande influxo de imigrantes chegados ao Brasil nos anos de 1880 contribuiu para precipitar a abolição e permitir a transição ao trabalho livre.

#### 4. Uma interpretação alternativa

Como será visto nos próximos itens, as fontes de informação existentes sugerem que as causas econômicas apresentadas no item anterior não dão uma explicação consistente para a escravidão e abolição no Rio de Janeiro nem uma racionalização coerente do corpo de evidência estatística e fatos históricos disponíveis. Além disso, essas interpretações não são em geral apresentadas de um modo quantitativo e analítico.

Pretendemos, pois, apresentar uma interpretação alternativa, baseada na fundamentação e teste das hipóteses apresentadas a seguir:

- a) a demanda por escravos na economia cafeeira estava crescendo durante quase todo o período — e a instituição da escravidão aumentando e ganhando força nas fazendas de café — mas começa a declinar numa tendência contínua nos anos de 1880;
- b) existem razões econômicas para explicar o aumento da demanda: a escravidão era uma forma lucrativa de organização do trabalho na economia cafeeira;
- c) o declínio da demanda por escravos e a desagregação da instituição na última década são explicados pela grande *pressão abolicionista* — ou o impacto cumulativo da ideologia antiescravista, exógena a esse setor — nas expectativas dos fazendeiros de café quanto ao futuro da escravidão;
- d) o número de escravos nas fazendas de café estava aumentando durante quase todo o período. Caso dependesse exclusivamente de razões

demográficas, a escravidão nas fazendas de café poderia perdurar por muitos anos após 1888, não obstante os efeitos da Lei do Ventre Livre. Isto é, um declínio na população escrava total não resultaria necessariamente numa queda no número de escravos usados numa determinada ocupação;

e) a resistência dos fazendeiros de café à abolição se deveu não somente à perda de riqueza que esta lhes iria causar, mas também por temor às consequências da abolição sobre a futura organização do trabalho agrícola, se tivessem de contar apenas com os libertos e a mão-de-obra imobilizada na economia de subsistência. Se o fato de que o Brasil foi o último país das Américas a abolir a escravidão explicava grande parte do sentimento antiescravista dos anos de 1880, por outro lado permitia aos fazendeiros de café comparar e ponderar as consequências da abolição em outros países, formando-se o consenso de que não poderiam contar com os libertos e deveriam procurar outros meios ou fontes externas para encontrar trabalhadores para substituir os escravos;

f) esses outros meios e fontes externas, tal como discutidos pelos fazendeiros, incluíam desde mudanças na legislação para obrigar os libertos a trabalhar nas fazendas de café, até mesmo o trabalho semi-servil de chineses e indianos importados em imaginosa esquemas. Na realidade, a solução européia foi a solução encontrada para o problema de mão-de-obra criado pela pressão abolicionista. O que deve ser ressaltado, entretanto, é que os instrumentos de política migratória mais importantes (formas de contrato, organização do trabalho dos colonos nas fazendas, esquemas de imigração e o relacionamento entre fazendeiros, firmas de imigração, governos provinciais, nacional e estrangeiros, etc.) para assegurar o êxito de uma contínua e crescente imigração européia (aqueles instrumentos que continuaram em vigor mesmo após a mudança de século) haviam sido desenvolvidos *muitos anos antes* aos grandes afluxos de imigrantes italianos às fazendas de café. O sucesso da imigração italiana nos anos de 1880 — em contraste com o relativo fracasso da imigração suíça e alemã nos anos de 1840 e 1850 — deveu-se muito menos às características nacionais destes grupos ou a fatores explicativos do volume de oferta internacional desses grupos de migrantes nesses períodos, do que à demanda de escravos *versus* colonos por parte dos fazendeiros de café. Para os fazendeiros era mais lucrativo o emprego de escravos, e, somente quando a pressão abolicionista tornou quase impossível o uso de escravos, é que eles realmente se mobilizaram para promover a